

## ESPAÇOS DE EMANCIPAÇÃO DA PERSONAGEM EM *PERSÉPOLIS*

Marina Bortolini Gonçalves - UFRGS<sup>1</sup>

**RESUMO:** A autora/personagem de *Persépolis*, Marjane Satrapi, passa por processos de emancipação ao longo de toda a narrativa do romance gráfico. Desde a infância na casa onde viveu com a família em Teerã, ao exílio em Viena durante a adolescência e retorno à cidade natal depois de muitas experiências transformadoras. Há muitos espaços de construção e constituição do sujeito/mulher que ela se torna ao final da obra. Especialmente por ser mulher e originária de uma cultura praticamente desconhecida e bastante estereotipada no ocidente, ela se vê diante de novos espaços que não dialogam com a sua história e neles ela terá a oportunidade de se reconstruir como sujeito. Como base, neste artigo, encontra-se a distinção entre *lugar* e *espaço* feita por CERTEAU (1998), entre outras contribuições teóricas sobre o *espaço* e o *espaço da mulher* na sociedade e na literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço, mulher, emancipação, romance gráfico.

**ABSTRACT:** The author/character of *Persépolis*, Marjane Satrapi, goes through a series of emancipation processes throughout the narrative in the graphic novel. From her childhood in her house in Tehran, to the exile in Vienna during her adolescence and the return to her hometown after lots of transforming experiences, there have been many spaces of construction and constitution of herself as the subject and the woman she becomes by the end of the book. Especially, because she is a woman, coming from an unfamiliar culture, basically unknown and pretty stereotyped in the West, she faces new spaces which do not dialogue with her own history and in these spaces she will have the opportunity to rebuild herself as a subject. In this article there are references to the distinction made by CERTEAU (1998) between *place* and *space*, among other theoretical contributions on *space* and *woman's space* both in society and in literature.

**KEYWORDS:** space, woman, emancipation, graphic novel.

O lugar ocupado pelas mulheres na literatura é, muitas vezes, um reflexo do lugar que elas ocupam na sociedade. Em uma organização regida pela ideia patriarcal falocêntrica, tal lugar não apenas é definido, como é limitado pelos homens. Na cultura iraniana, isso se dá de maneira ainda mais intensa do que nas culturas ocidentais de um modo geral, no Irã, a mulher deve ficar restrita ao espaço privado. Como diz Michele Perrot (2005, p.279), em "As mulheres e os silêncios da história", citando Marie-Reine Guindorf, "uma mulher não deve sair do círculo estreito traçado em torno dela". Esse espaço é traçado pelos homens e à mulher cabe o dever de merecê-lo.

A autora Marjane Satrapi (Irã, 1969) na criação de *Persépolis* (2000), remonta

---

<sup>1</sup> marinabortolini@gmail.com

uma trajetória de ocupação de espaços públicos que a configuram como sujeito e mulher emancipada, libertando-se das amarras de uma cultura machista por meio da palavra e da criação literária/imagética, sem esquecer suas raízes e dar crédito ao que ela considera valioso na sua cultura de origem.

A utilização dos termos **sujeito** e **mulher** justifica-se devido às duas transgressões que Marjane precisa fazer em seu percurso: primeiramente, como uma pessoa laica em uma sociedade cuja religiosidade impõe as leis, qualquer pessoa que se opõe a elas precisa transpor essa barreira e fazer um "caminho" diferente dos demais, além disso, o fato de uma pessoa nascer mulher numa cultura como a iraniana e não se resignar àquelas leis, configura uma segunda barreira. Portanto, há uma busca por emancipação nessas duas esferas.

O romance gráfico *Persépolis*, que é também uma autobiografia, relata a infância, adolescência e o início da vida adulta de Marjane Satrapi, uma mulher de origem iraniana que vivenciou transformações no seu país e foi testemunha da Revolução Islâmica. A autora utilizou-se da arte sequencial e da literatura para compartilhar, por meio de uma autobiografia, sua experiência como menina, adolescente e mulher vivendo em meio a uma revolução e uma guerra. Ao passo que, ao falar sobre sua vida, a história da Revolução Islâmica também é retratada sob a perspectiva de uma família laica que vive no Irã: a sua. Embora a escritora seja iraniana, viveu por um período na Áustria e hoje vive na França, onde trabalha como artista gráfica e autora. Por isso, escreveu sua obra em francês. De acordo com o que narra na sua autobiografia, Marjane nasceu no Irã onde foi alfabetizada em pársi e estudou algumas línguas, entre elas o francês – estudou no Liceu Francês de Teerã e no de Viena.

Marjane é bisneta de um imperador do país. No entanto, além da tradição e da cultura persa, sua educação teve influências ocidentais e de esquerda. O livro retrata histórias de prisões entre familiares e amigos da família. Seus pais eram marxistas e se opunham ao regime do Xá, uma monarquia que foi se tornando ditatorial com a ajuda dos governos britânico e americano.

Diante de uma história de vida bastante distinta das de seus colegas na Europa (durante a adolescência na Áustria e mais tarde na França), a autora decidiu utilizar sua habilidade como artista para compartilhar com eles as experiências que viveu, assim

como, dividir com o mundo um pouco da história de seu país.

O objetivo deste ensaio é analisar os espaços percorridos pela protagonista do romance gráfico e verificar como a ocupação e a apropriação dos espaços se relacionam com sua emancipação. A autora/personagem passa por processos de emancipação ao longo de toda a narrativa. Entre a infância na casa onde viveu com a família em Teerã, o exílio em Viena durante a adolescência, e a volta para a cidade natal depois de uma série de experiências transformadoras, há muitos espaços de construção e constituição do sujeito/ da mulher que ela se tornou. Especialmente por ser mulher e originária de uma cultura praticamente desconhecida e muito estereotipada no ocidente, Marjane Satrapi se vê diante de novos espaços que não dialogam com a sua história e neles ela terá de se reafirmar e se recriar como sujeito.

### **Os lugares e os espaços percorridos pela personagem**

A maior parte da narrativa de Marjane Satrapi, enquanto criança, acontece dentro de sua casa em Teerã. Nela, vivem sua mãe, seu pai e sua avó. A presença feminina é muito forte. A mãe representa força e seriedade, sai às ruas para as manifestações contra o Xá juntamente com o pai. E a encoraja a ser uma mulher independente, focada nos estudos. A avó é de extrema importância dentro da narrativa e certamente na vida da autora. Apoia sua liberdade e seus pensamentos, o que contribui para o desenvolvimento de sua personalidade e de sua autoconfiança. Além de conversas sobre religião e família, na última noite que as duas personagens passam juntas antes de Marjane ir para Viena, a avó dá-lhe um conselho, que ressurge em passagens do livro:

"Na vida você vai encontrar muita gente idiota. Se te ferirem, pensa que é a imbecilidade deles que os leva a fazer o mal. Assim você vai evitar responder às maldades deles. Porque não há nada pior no mundo do que a amargura e a vingança... Seja sempre digna e fiel a você mesma."  
(Capítulo "O dote")<sup>2</sup>

Tal sugestão pode ser compreendida como um encorajamento à neta em relação a sua postura enquanto mulher e enquanto iraniana. Afinal, como acontece no certo momento do livro, Marjane é desrespeitada e subjugada pelo fato de ser uma mulher vinda de uma cultura diversa da europeia. E, também, de certa forma, a fala da avó é um

<sup>2</sup> As citações da obra *Persépolis* não contêm páginas, pois a edição em questão não possui paginação.

incentivo à conquista de espaços independentemente do lugar em que ela se encontrar. Vale aqui a distinção entre lugar e espaço feita por CERTEAU (1998, p.202 ), para ele, o *lugar* é material e relacionado à estabilidade, já o espaço é abstrato e se constitui em função da associação de variáveis como o tempo e a velocidade. Ele diz que o *espaço é um lugar praticado*.

Um outro exemplo excelente da relação com a avó e de sua influência na emancipação de Marjane, é o que acontece quando, depois de 3 anos de casamento, Marjane pensa em se divorciar, e vai pedir conselhos. A avó apoia a decisão da neta e a tranquiliza em relação à pressão social que existe sobre ela.

#### Capítulo "O fim"



Em casa, com a convivência de pais abertos e críticos ao regime, ela também se torna atenta, curiosa e cria sua própria voz. Enfrenta seus primeiros questionamentos sobre religião e marxismo e constrói suas opiniões baseadas no que escuta e vivencia entre os familiares, vizinhos e amigos.

## Capítulo "A bicicleta"

Marjane tem conversas imaginárias com Deus desde bem pequena, então Marx aparece e a deixa confusa.



Analisando as características das pessoas que cercam Marjane dentro de casa, é possível afirmar que este lugar prova-se um espaço de emancipação. Como é um espaço de discussão, de diálogo e de aprendizagem, é a partir desse espaço que a personagem se distancia da condição de subalternidade que a mulher ocupa no país em que vive. O que não ocorre na escola, que é apenas um lugar.

Na escola, sua voz é limitada pela repressão vinda das professoras, pois a instituição é regida pelos valores do governo patriarcal e machista. Nesses termos, vemos as mulheres restritas aos seus papéis de observadoras e ouvintes ou repetidoras de doutrinas, sem autonomia alguma. Quando a autora/personagem faz alguma crítica, é punida, ela relata situações em que foi castigada.

Marjane sofre por não se resignar e ser questionadora. Desde os primeiros quadros do livro isso já é declarado: ela se aborrece com o uso do véu, pois as meninas não entendem sua função; incomoda-se com o fato de meninos e meninas terem de ficar separados (depois da revolução islâmica, as escolas bilíngues foram fechadas e meninos e meninas não podiam mais ficar juntos); e questiona as professoras sobre muitas coisas, em especial a respeito das homenagens aos mártires da guerra e das mentiras relacionadas ao que realmente acontecia na guerra. O que a leva à expulsão de uma escola e a decisão de seus pais sobre a mudança para a Europa, amedrontados pelas possíveis reações e retaliações ao comportamento da filha. Eles explicam a ela que meninas que são presas por se manifestarem contrárias às instâncias de poder são estupradas e, depois, executadas (pois naquela cultura não se pode matar uma virgem!).

Evidentemente, qualquer um que se manifestasse contrário ao regime seria preso e condenado. No entanto, o fato de uma pessoa ser mulher e contestadora constitui dois aspectos negativos. Afinal, uma mulher nos padrões islâmicos ortodoxos deveria restringir-se ao cuidado da casa e da família. Na verdade, como Eliane Moura Silva afirma, em qualquer religião ou regime machista, (2006, p. 18) “os inimigos mais temidos e vigorosamente atacados pelos fundamentalistas são o feminismo e a emancipação da mulher”. Marjane não poderia ser emancipada e continuar no Irã. A emancipação teria um preço.

A autora/personagem também percorre os espaços da cidade, mas de maneira mais restrita, em concordância com as limitações reais de circulação das mulheres nas cidades islâmicas. Pode-se aplicar aqui o que BOURDIEU (1990) chama de *sense of one's place*, que se refere às relações dentro de uma sociedade, baseadas nos poderes sociais que as pessoas possuem, como o capital econômico, simbólico e cultural. Enquanto o autor aborda o poder simbólico entre as classes sociais em sua teoria, no caso específico de *Persépolis*, podemos transpor essa relação entre poder e as posições que as pessoas ocupam devido às questões sociais, para a influência dos poderes e a interferência dos mesmos na ocupação de espaços por homens e mulheres dentro da sociedade iraniana.

Como a própria autora alega em entrevista ao site *bookslut.com*, o principal problema do seu país é a cultura do patriarcado:

Olha, o problema de um país como o meu, além do regime, além do governo, é a cultura patriarcal que comanda o país. Isso é o pior. É por isso que o governo permanece lá. Não importa o assunto, eles dão uma interpretação particular a respeito. No que toca à psicologia, dizem que as mulheres são mais sensíveis que os homens. No que toca à medicina, dizem que nosso cérebro pesa um pouco menos que o de um homem. No que toca a qualquer coisa, eles dão sua interpretação, e a interpretação atinge a política, atinge a religião, atinge tudo. (acessado em 04/03/2016, minha tradução) <sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>You see, the basic problem of a country like mine, apart from the regime, apart from the government, is the patriarchal culture that is leading my country. That is the worst. That is why the government is still there. Whatever it touches, it gives its interpretation of the thing. When it touches psychology it says that the woman is more sensitive than the man. When it touches the medicine it says that our brain is a little less weight than the man's. When it touches anything it gives its own interpretation, and the interpretation goes towards politics, towards religion, towards everything.

Ou seja, as mulheres valem menos do que homens, têm menos direitos e circulam em locais definidos. Ainda hoje, todas as mulheres no país (iranianas ou visitantes) são obrigadas a vestir o véu. Elas não podem exhibir seus corpos, sair do país sem a autorização do pai ou marido, ser eleitas para presidente, nem ser juízas. E em Teerã existe também o táxi feminino e o vagão do metrô destinado às mulheres. Outro fato importante: em juízo, o testemunho de uma mulher vale metade do testemunho de um homem. De acordo com o Índice Global de Desigualdade de Gênero, o Irã ocupa o 141º país em igualdade de gênero, num total de 145.



#### Capítulo "O fim"

Marjane reclama para uma amiga sobre a hipocrisia de um colega de trabalho iraniano que prega liberdade e igualdade entre os sexos, mas tem atitudes machistas dentro de casa perante à esposa.

Claramente, a posição que a mulher ocupa naquela sociedade, e em tantas outras, é de desprestígio e limitações. Um lugar que foi destinado a ela, sem nenhuma protagonismo, no qual é considerada inferior aos homens. Não somente é um lugar de subalternidade, como é um lugar restrito que a delimita a atuar em espaços privados. Fato que não é exclusividade da cultura islâmica, nem do momento histórico em questão, como aponta PERROT (2005, p.459), sobre a distinção entre o público e o privado no século 19. Ela afirma que esta é uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade:

"Em linhas gerais, as "esferas"<sup>4</sup> são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe. Aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa."

À medida em que o tempo passa, Marjane vai construindo sua identidade, e os espaços que ela percorre transformam os espaços que ocupa. A partida para a Europa é o grande momento de incitação de sua autonomia, ela não tem outra opção, senão se descobrir e reinventar-se na nova cultura. No mapa, a Europa era um *lugar*. Porém, na mente, ela também imaginava um *espaço* onde poderia fazer o que quisesse. A transformação começa pelo direito de andar pelas ruas sem vestir o véu, que lhe era imposto no Irã. O fato de uma mulher poder vestir-se como desejar, mostrar o corpo, maquiarse, entre outras coisas, demonstra claramente que o lugar que ela ocupa não é o mesmo que costumava ocupar em sua terra natal. Como afirma BOURDIEU (1990, p.155), "De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo."

Na Áustria, Marjane vive em uma pensão mantida por freiras por algum tempo, mas o local onde ela realmente começa a vivenciar a experiência europeia é a escola. A relação com os colegas de aula é muito diferente do que acontecia em Teerã. Primeiramente, meninos e meninas estudam juntos, então ela encontrou o que ela chamou de "uma bela turma": um punk, uma garota da pá-virada, dois órfãos e uma terceiro-mundista (ela mesma). A partir do envolvimento com essa "turma", o processo emancipatório de Marjane ganha muita força. Ela entra em contato com culturas distintas da dela, mas que têm muito a ver entre si (são todas europeias) e convive com comportamentos variados. Por influência dos amigos, ela lê Bakunin, a história da Comuna, Sartre e Simone de Beauvoir.

Marjane relata sua transformação falando da mudança da mente e do corpo. A adolescência, entre 14 e 16 anos é um período de metamorfose, que foi desenhando a nova Marji agora na Europa. No entanto, somente o fato de estar na Europa não fazia dela uma mulher transgressora. Ela precisou criar seu próprio espaço, lidando com a rejeição de muitos colegas por se iraniana, ter traços diferentes e vir de uma cultura totalmente desconhecida e rotulada pejorativamente pela mídia. Ser iraniana e assumir

---

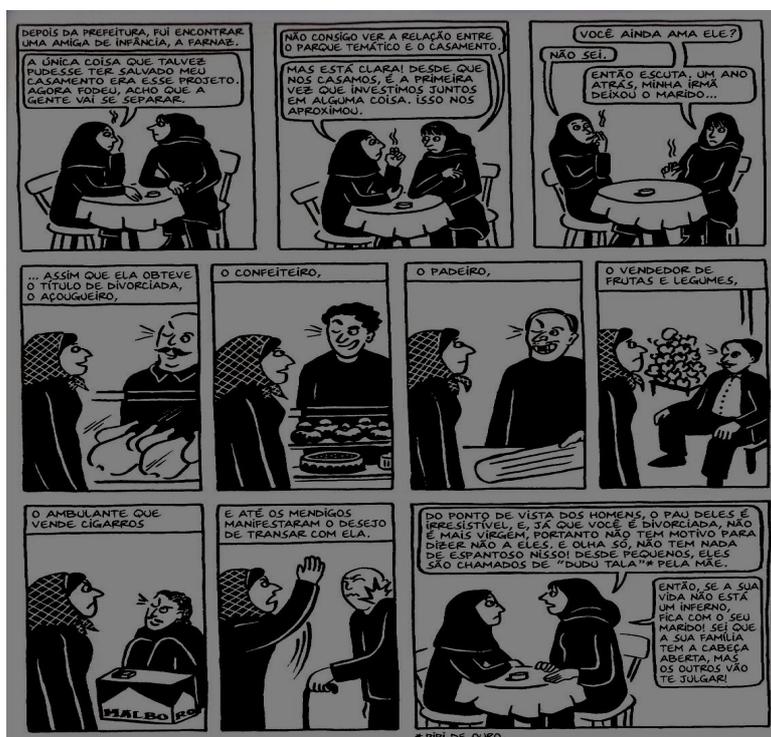
<sup>4</sup> Teoria das "esferas" de Ruskin (*Of Queens Gardens*, 1864), modo de pensar que divide o mundo entre o sexo feminino e o masculino, que reconcilia a vocação "natural" com a utilidade social de maneira a harmonizar a complementaridade dos papéis, das tarefas e dos espaços.

isso com orgulho, levou algum tempo, mas a tornou mais íntegra e contribuiu para sua autoafirmação. O conselho da avó sobre manter a integridade foi de muita valia. A Europa era um lugar, Marjane desenvolveu nesse lugar um espaço para sua emancipação.

Depois de alguns anos na Áustria, ela volta ao Irã e se casa com um iraniano. Marjane faz bastante esforço para viver no país. No entanto, as limitações impostas pelo regime do patriarcado a incomodam de tal maneira que nem a família ou o amor que havia encontrado a fizeram querer ficar lá por muito tempo. Ela precisava de um espaço no qual ela pudesse ter liberdade para criar sem a pressão e as imposições políticas, religiosas ou sexistas.

Na sua última tentativa de ficar em Teerã e insistir no casamento, Marjane e Reza, rapaz que ela conhece na volta ao Irã, realizam um trabalho que poderia ter sido altamente relevante para a cidade e para o país, sob encomenda de um professor do departamento de comunicação visual: um parque temático baseado nos heróis da mitologia iraniana. Eles investiram fortemente no projeto por 7 meses. No entanto, a proposta não foi aprovada pela prefeitura porque não tinha símbolos religiosos suficientes. Essa é a gota d'água para a personagem, que já não suporta mais viver em um lugar onde os espaços são cada vez mais restritos e onde, como mulher, ela teria possibilidades limitadíssimas, tanto em termos profissionais como pessoais. Além disso, o casamento estava terminado e as perspectivas de uma mulher divorciada no Irã são as piores possíveis, como diz sua amiga.

### Capítulo "O fim"



## Considerações finais

A relação dos lugares percorridos, assim como dos espaços já existentes ou praticados por Marjane, com sua emancipação são muito evidentes no livro. A autora/personagem encontra condições de praticar apenas dois lugares: sua casa, espaço de discussão, crítica e aprendizado, e a Europa (do futuro), que será um espaço novo, após o fim do livro, onde ela poderá exercer sua profissão de maneira livre, um espaço de criação nas artes, sem censura religiosa ou política. A necessidade de um lugar praticável é essencial para a personagem exercer sua profissão. Embora, houvesse a possibilidade de trabalhar no Irã, ela não poderia criar nada que fugisse dos padrões e das expectativas das instituições de poder.

Marjane critica a resignação do povo iraniano, algo que ela, como sujeito e mulher, não consegue admitir. A privação dos direitos aos quais teve acesso na Europa e que seus pais queriam garantir a ela não poderia fazer parte da vida de uma mulher emancipada como ela. É importante destacar que essa emancipação só ocorreu devido aos trânsitos que a família oportunizou, por serem laicos e terem um bom poder aquisitivo. Por isso, a mudança para o ocidente, em especial para a França se tornou imprescindível, e para ela, felizmente, possível.

Ainda, penso ser cabível questionar como Marjane poderia ter transformado a realidade iraniana, mesmo que de maneira limitada, se tivesse ficado no país. De maneira alguma, creio que ela deveria ter se sujeitado à cultura ou se resignado. Porém, é interessante pensar como ela poderia ter impactado a cultura local com ações positivas de contestação à resignação que ela tanto criticava. Uma possibilidade, é de que ela teria sido perseguida, provavelmente seria presa e não conheceríamos o trabalho dela. Ela poderia ter sido uma mártir. Mas isso não teria o impacto que a obra dela teve em tantos países, em tantas culturas diferentes.

Por fim, além da contribuição dos espaços para a emancipação da autora, é fundamental o espaço que a escrita e a arte têm nesse processo. É possível dizer que a conquista da emancipação de Marjane só se dá por completo quando ela é capaz de escrever e desenhar a respeito do Irã e, além disso, publicar seu trabalho de forma ampla, para que ele atinja o maior número de pessoas possível. *Persépolis* foi escrito

originalmente em francês e, posteriormente, traduzido para várias outras línguas. O romance gráfico foi adaptado para o cinema e foi indicado ao Oscar de melhor filme de animação em 2008. Em outras palavras, é inegável o alcance que a obra de Marjane teve. E isso só foi possível graças à mudança para a França e ao espaço que ela encontrou lá.

### **Referências:**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos III).

FRANCO, Jean. Invadindo o espaço público: transformando o espaço privado. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

PERROT, Michelle. Público, privado e relações entre os sexos. In: *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Eliane M. Fundamentalismo Evangélico e Questões de Gênero: Em Busca de Perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. cap. 1, p. 11-28

<[http://www.bookslut.com/features/2004\\_10\\_003261.php](http://www.bookslut.com/features/2004_10_003261.php)> Acessado em 04/03/2016